

## Uma hipótese sobre a origem do padrão ergativo em algumas línguas Jê setentrionais<sup>1</sup>

(resumo)

*Eduardo Rivail Ribeiro*  
Museu Antropológico da UFG,  
Universidade de Chicago

**1. Introdução.** Nas descrições da grande maioria das línguas Macro-Jê menciona-se a existência de sistemas ‘cindidos’ de marcação de sujeito. Em Karajá, por exemplo, Marcus Maia sugere a existência de um ‘split’ ativo-estativo, baseado no comportamento dos predicados descritivos (que ele descreve, erroneamente, como verbos; Maia 1998; Ribeiro 2002). Acontece que predicados descritivos em Karajá são claramente nomes, não verbos. Portanto, não há split — descritivos recebem a série de prefixos que recebem (a mesma que ocorre com nomes e, parcialmente, a mesma que ocorre marcando objetos diretos e de posições) porque são, simplesmente, nomes.

Uma breve análise de línguas do ramo setentrional da família Jê sugere que padrões cindidos podem ter tido uma origem semelhante. Uma análise sucinta de dados do Apinajé (extraídos de Oliveira 2003), por exemplo, sugere que o sistema de marcação (ergativo-) absolutivo, que ocorre apenas em contextos de subordinação, teria se desenvolvido a partir de construções nominalizadas, uma vez que ocorre com os chamados ‘verbos longos’ — que ‘coincidem’ com formas nominais dos verbos. Mesmo em línguas em que o padrão (ergativo-) absolutivo tem distribuição mais ampla, o fato de que a construção absolutiva requer os chamados ‘verbos longos’ (uma peculiaridade das línguas Jê que ocupa papel central na morfossintaxe de grande parte das línguas da família; vide Seções 2 e 3 abaixo) parece sugerir uma origem nominal. Se esta hipótese estiver correta, sistemas cindidos nestas línguas teriam um caráter ‘acidental’, não diferindo muito da situação descrita para línguas Karib por Sérgio Meira e Spike Gildea.

**2. Verbos longos, verbos curtos.** Em Jê Setentrional, grande parte das raízes verbais apresentam dois alomorfes, um forma longa e uma forma curta (por exemplo, em Suyá — *ŋgere* ~ *ŋgre* ‘dançar’; *nɔ̃* ~ *nɔ̃rɔ̃* ‘deitar-se’, etc.), cuja distribuição é sintaticamente determinada. Em Suyá, formas longas ocorrem nos seguintes contextos sintáticos: “(i) negação (1a, 2b), (ii) construções com *mã* ‘futuro’, e (iii) no aspecto progressivo”. Formas curtas, por outro lado,

---

<sup>1</sup> As notas que se seguem concentram-se em dados do Apinajé e do Suyá, mas a análise sugerida aplica-se provavelmente a outras línguas da família. Esta hipótese é discutida pormenorizadamente em artigo sendo atualmente elaborado. Para maiores detalhes da análise, queira, por gentileza, contactar o autor ([erribeir@midway.uchicago.edu](mailto:erribeir@midway.uchicago.edu)).

[Set/2004: Este trabalho foi originalmente escrito para apresentação durante o Encontro do Grupo de Estudos Lingüísticos do Centro-Oeste, realizado em Goiânia em outubro de 2003, na mesa-redonda ‘Sujeito cindido em Tupí, Karib e Macro-Jê: um epifenômeno?’ (da qual, infelizmente, não pude participar). Quando escrevi estas notas, infelizmente não sabia da existência do trabalho de Ludoviko dos Santos (1999) sobre verbos longos e curtos em Suyá, em que algumas das idéias aqui esboçadas (o caráter nominal dos verbos longos e a idéia de que o morfema *mã* de futuro é cognato da posposição dativa homófona) são investigadas — a meu ver, com argumentos morfossintáticos bastante sugestivos.]

ocorrem em “construções não negativas (1b), não futuras e não progressivas” (Santos 1997:68). Além disso, formas longas ocorrem em contextos claramente nominais (2c).

(1) **Suyá** (Santos 1997:69)

- |    |                  |         |    |              |        |
|----|------------------|---------|----|--------------|--------|
| a. | i-ŋgere          | 'kere   | b. | wa           | 'ŋgre  |
|    | 1ps-dançar       | negação |    | 1ps          | dançar |
|    | 'Eu não dancei.' |         |    | 'Eu dancei.' |        |

(2) **Suyá** (Santos 1997:72)

- |    |                          |     |                |
|----|--------------------------|-----|----------------|
| a. | 'hẽn                     | 'wa | 'nõ            |
|    | asp                      | 1ps | deitar         |
|    | 'Eu deitei.'             |     |                |
| b. | bi'ãka                   | ra  | 'nõrõ 'kere    |
|    | Bianka                   | ms  | deitar negação |
|    | 'Bianka não deitou.'     |     |                |
| c. | 'wa-'nõrõ                | ra  | 'mbetji        |
|    | 1p-deitar                | ms  | bonito         |
|    | 'Nosso deitar é bonito.' |     |                |

Note-se que, em (1a), a pessoa do sujeito de primeira pessoa é expressa através do prefixo *i-*, o mesmo prefixo que ocorre como objeto de verbos transitivos (3) e possuidor, enquanto em (2b) o sujeito é expresso por um pronome independente. É esta aparente coincidência entre a marcação do objeto de um verbo transitivo e do sujeito de um verbo intransitivo que vem sendo descrita como sendo um padrão (ergativo-)absolutivo em Jê setentrional.

(3) **Suyá** (1997:128)

- |    |                 |    |         |
|----|-----------------|----|---------|
|    | kao'mi          | ra | i-'mũ   |
| n. | próprio         | ms | 1ps-ver |
|    | 'Kaomi me viu.' |    |         |

Formas longas apresentam propriedades nominais em várias outras línguas Jê setentrionais. Em Apinajé, Oliveira (2003) resume assim a distribuição das formas longas: “these forms are employed in the formation of *deverbal nouns*, as well as in *subordinating environments*” (ênfase minha). É justamente em tais ‘ambientes de subordinação’ que o padrão ergativo-absolutivo emerge em Apinajé.<sup>2</sup> A ocorrência do padrão (ergativo-)absolutivo exclusivamente em ambientes de subordinação não seria, em princípio, argumento suficiente para sugerir o caráter epifenomenal de tal fenômeno em Apinajé. De fato, subordinadas tendem a preservar arcaísmos sintáticos, como em alemão, onde a ordem nesses casos — SOV — reflete o que teria ocorrido em Proto-Germânico (Faarlund 1985). É o fato de que o padrão (ergativo-)

<sup>2</sup> Oliveira (2003:17) descreve assim as circunstâncias em que o padrão absolutivo ocorre em Apinajé: “In main, simple clauses, only transitive verbs can take some type of overt expression of their (direct object) argument, which constitutes the condition for the presence of a relational prefix. In subordinate position, however (or, in their non-finite forms), not only do transitive verbs maintain the original pronominal marking of their objects, but also the intransitives will necessarily take a pronominal prefix referring to their subjects. Hence the absolutive pattern.”

absolutivo ocorre predominantemente em **construções de caráter nominal** que sugere seu caráter epifenomenal.

Mesmo em línguas em que a distribuição do padrão ergativo-absolutivo é mais ampla do que em Apinajé, sua ocorrência com formas longas do verbo parece ser um denominador comum. Tais formas, como vimos, desempenham também a função de nomes deverbais. E mesmo em línguas como o Suyá, onde o padrão absolutivo ocorre com orações (aparentemente) independentes, as construções em que ocorrem parecem envolver relações de auxiliação — em (1a) e (2b), por exemplo, o morfema ‘negativizador’ *kere* pode muito bem ser analisado como um auxiliar, enquanto o morfema de futuro *mã* poderia vir a ser cognato da posposição locativa/alativa/dativa homófona.<sup>3</sup> Estes são justamente os tipos de ambiente que tendem a requerer formas nominais do verbo (como o infinitivo em português, ou nomes deverbais em Karajá).

**3. Nomes deverbais e marcação absolutiva.** A hipótese aqui proposta sugere, assim, que o aparecimento de um padrão (ergativo-)absolutivo em algumas línguas do ramo setentrional da família Jê seria uma conseqüência do caráter nominal das construções envolvidas (estejam estas em relações de subordinação ou auxiliação). Isto seria o resultado de uma tendência extremamente comum translingüisticamente, mesmo em línguas nominativo-acusativas clássicas, em que nomes deverbais tendem a tomar como único argumento o argumento absolutivo do verbo — inclusive em português: em *proibida a entrada de menores*, o argumento do nome verbal corresponde ao sujeito de um verbo intransitivo; em *proibido o consumo de bebidas alcoólicas*, o argumento corresponde ao objeto de um verbo transitivo (vide Chomsky 1970, para o inglês, e Benveniste 1971, para o latim).

**4. Futuro desenvolvimento da pesquisa.** Para ser devidamente investigada, a hipótese sobre o desenvolvimento do padrão ergativo-absolutivo em Jê Setentrional aqui esboçada requer um amplo estudo histórico-comparativo. Um dos problemas mais interessantes no estudo histórico-comparativo da morfossintaxe das línguas Jê diz respeito à alternância, mencionada acima, entre formas curtas e longas de verbos (Quadros 1 e 2).

Se a hipótese aqui sugerida estiver correta, formas longas teriam sido diacronicamente (e ainda são sincronicamente, em vários contextos) formas nominais dos verbos. No entanto, na grande maioria das línguas da família, é difícil postular formas longas como sendo sincronicamente derivadas das formas curtas correspondentes. Como os exemplos abaixo demonstram, é mais fácil derivar as formas curtas das longas, já que as consoantes ‘extras’ que caracterizam as formas longas são, em geral, imprevisíveis.<sup>4</sup> Note-se, contudo, que a grande maioria das formas longas parece terminar em *-r*, sendo bastante possível que, pelo menos neste caso, tal consoante seria um sufixo (em alguns exemplos, /n/ seria um reflexo da mesma consoante em ambientes nasais). É possível que este formativo seja cognato com o sufixo Panará *-ri*, traduzido como ‘perfectivo’ por Dourado (2001).<sup>5</sup> Em outros casos, a consoante ‘extra’ seria

<sup>3</sup> Prováveis cognatos desta posposição ocorrem também em outras línguas do tronco, como o Karajá (*bã* [mã]) e o Karirí (*mã*). Em Karajá, a posposição ‘locativa difusa’ *mã* forma orações adverbiais de propósito que requerem a forma nominal do verbo:

<i>wa-hedo</i>	<i>thohodzi=le=ča</i>	<i>i-adi-θi=ō=mã=kre</i>
1-casa	um, apenas=ENF=RESOLUÇÃO	3-derrubar-NMLZR=NEG=LOC=FUT
‘Apenas a minha casa não é para ser derrubada.’		

<sup>4</sup> É o que propõe Santos (2002) para o Suyá.

<sup>5</sup> Este morfema poderia ser cognato também com o sufixo relativizador *-ri* do Karirí (*di-pa-ri* [3-matar-RLVZ] ‘aquele que é morto’) e dos sufixos nominalizadores *-dV* e *-θV* do Karajá: *wε* ‘flechar’, *wε-de* ‘a

parte da raiz, sendo eliminada em certos contextos sintáticos (ou mesmo fonológicos).<sup>6</sup> Como mencionado acima, esta é apenas uma hipótese (sugerida por uma breve análise dos dados), que requer estudos histórico-comparativos mais aprofundados.

**Quadro 1.** Raízes verbais em Suyá (Santos 1999:69-72)

	<b>Forma curta</b>	<b>Forma longa</b>	
a.	mba	mbay	‘ouvir, entender’
b.	tʌ'to	tʌ'toy	‘experimental’
c.	hwa	hway	‘matar’
d.	ka'ho	kahon	‘capinar’
e.	pe	pen	‘arranhar’
f.	re	ren	‘atravessar’
g.	s-a're	s-a'ren	‘contar’
h.	tẽ	tẽm	‘ir’
i.	kõ	kõm	‘beber’
j.	rwə	rwək	‘descer’
k.	tí	tík	‘morrer’
l.	pi	'piri	‘subir’
m.	re	'rere	‘nadar’
n.	hrẽ	'hrẽrẽ	‘emagrecer’
o.	pĩ	'pĩrĩ	‘pegar’
p.	twə	'twərə	‘banhar’
q.	tʌ	'tʌrʌ	‘afundar’
r.	poy	pot	‘chegar’
s.	ŋõ	'õrõ	‘dar’

**Quadro 2.** Raízes verbais em Apinajé (Oliveira 2003)

	<b>Forma curta</b>	<b>Forma longa</b>	
a.	tẽ	te-m	‘go’
b.	ča	čə-m	‘stand’
c.	akuʃa	pi-kuʃa-r	‘laugh’
d.	anikre	pi-nikre-n	‘settle’
e.	amiti	pi-mti-r	‘dream’
f.	-kẽ	-ke-n	‘grate’

ação de flechar’ (possível cognato do Jê \**pĩ*, *pĩ-r* ‘matar’); *wĩ* ‘levar, trazer’, *wĩ-dĩ* ‘a ação de levar ou trazer’ (possível cognato do Jê \**pĩ*, *pĩ-r* ‘pegar’).

<sup>6</sup> Por exemplo, a consoante final em *mbay* ‘ouvir’ ocorre também no provável cognato em Ofayé (uma língua que não parece apresentar alternâncias entre formas longas e curtas como as que se observam nas línguas Jê aqui consideradas), [paʃ] ‘escutar’ (Gudschinsky 1974:234) — indício de que teria sido mesmo parte da raiz na proto-língua. Se esta hipótese estiver correta, tal situação, em que processos fonológicos parecem obscurecer a direção da derivação, seria semelhante ao que se verifica em francês, onde é possível postular uma regra derivando formas masculinas de certas raízes adjetivas e substantivas a partir da eliminação da consoante final da forma feminina: vide *petite* [pɛtit] ‘pequena’ versus *petit* [pɛti] ‘pequeno’; *urbaine* [yʁbɛn] ‘urbana’ versus *urbain* [yʁbɛ̃] ‘urbano’; *étudiante* [ɛtydjɑ̃t] ‘estudante (fem.)’ versus *étudiant* [ɛtydjɑ̃] ‘estudante (masc.)’; etc.; diacronicamente, no entanto, a forma masculina é que seria a menos marcada morfológicamente (portanto, a mais ‘básica’).

<sup>7</sup> A vogal que ocorre depois de /r/ nos exemplos do Suyá é, provavelmente, uma ‘vogal-eco’, inserida em palavras que, na forma subjacente, terminam em /r/; processos semelhantes ocorrem em outras línguas Macro-Jê, incluindo o Kaingáng (Cavalcante 1986) e o Ofayé (Eduardo Ribeiro, notas de campo).

g.	-ku	-ku-r	‘see’
h.	-j-ako	-j-ako-r	‘smoke’
i.	-j-amã	-j-amã-r	‘escort’
j.	-pu-bu	-pu-bu-ŋ	‘see; look at’

### Referências

- Benveniste, Emile. 1971. Toward an analysis of case functions: the Latin genitive. In *Problems in General Linguistics* (Miami Linguistics Series, 8). Coral Gables: University of Miami Press.
- Cavalcante, Marita Pôrto. 1987. Fonologia e morfologia do Kaingáng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Chomsky, Noam. 1970. Remarks on nominalizations. In R. A. Jacobs and P. S. Rosenbaum (editors), *Readings in English Transformational Grammar*, 184-221. Waltham, MA: Ginn.
- Dourado, Luciana Gonçalves. 2001. Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê). Tese de doutorado. Campinas: Unicamp.
- Faarlund, Jan Terje. 1985. Pragmatics in diachronic syntax. *Studies in Language* 9-3.363-393.
- Gudschinsky, Sarah. 1974. Fragmentos de Ofaié: A descrição de uma língua extinta. *Série Lingüística* 3, 177-249. Brasília: SIL.
- Maia, Marcus. 1998. *Aspectos Tipológicos da Língua Javaé*. Lincom Europa.
- Meira, Sérgio.
- Oliveira, Christiane Cunha de. 2003. Lexical categories and the status of Descriptives in Apinajé. Unpublished manuscript. University of Oregon. A ser publicado em *IJAL*.
- Santos, Ludoviko Carnasciali dos. 1997. Descrição de aspectos sintáticos da língua Suyá (Kĩsédjê), família Jê. Dissertação de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Santos, Ludoviko Carnasciali dos. 1999. Verbos de forma larga y de forma corta en "Suyá". In *VI Simposio Internacional de Comunicación Social*, p. 512-518. (Centro de Lingüística Aplicada, Ministerio de Ciencia, Tecnología y Medio Ambiente, Santiago de Cuba, 25 a 28 de janeiro de 1999). Santiago de Cuba: Editorial Oriente. [Tive acesso à tradução portuguesa, fornecida pelo autor.]
- Ribeiro, Eduardo Rivail. 2002. On verbs, nouns, and ‘adjectives’ in Karajá. Trabalho apresentado no 38<sup>th</sup> Meeting of the Chicago Linguistic Society. Chicago: Chicago Linguistic Society.